

FOLHA *da* JUCISTA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.

Av. Duque de Loulé, 90 - r/c — LISBOA

Com aprovação Eclesiástica

Preço - 1\$00

ESCLARECIMENTO PARA O ESTUDO DA UNIVERSIDADE

SENTIDO DA RETRIBUIÇÃO NA VIDA UNIVERSITÁRIA

Não vamos abordar o estudo da Universidade à maneira de turista que diante de uma paisagem estranha assésa o óculo apressadamente para dar tempo a satisfazer outras curiosidades.

Boa ou má, a Universidade é alguma coisa na nossa vida. A passagem por ela não dura dois dias, mas anos, que vivemos intensamente; onde melhor ou pior, preparamos a nossa vida profissional; onde se criam laços de amizade e se recebem influências construtivas ou desagregadoras; onde se agitam ideias e problemas graves; onde nós próprias por vezes nos sentimos sacudidas por rajadas violentas contra a nossa pessoa, contra a nossa dignidade, contra as nossas honestas e puras intenções. Não podemos alhear-nos da Universidade porque ela, queiramos ou não, imprime na nossa vida um vínculo profundo. É o nosso meio. Ai se estabelecem necessariamente intercâmbios. Haverá sempre uma colega a quem emprestar um livro, dúvidas a esclarecer junto do mestre, serviços que se prestam ou aceitam. No pequeno mundo que é a vida Universitária, a retribuição desempenha um papel de relevo. Retribuição e não troca: a troca faz-se entre mercadorias; a retribuição entre almas. Sendo de carácter espiritual, a retribuição não é imposta de fora para dentro: brota de dentro para fora.

A relação entre mim e a comunidade universitária é íntima. O meu pensamento, a minha vida afectiva e moral, as minhas

opiniões, a minha conduta projectam-se na comunidade universitária de que faço parte. Sou eu a dar-me. Mas também sou eu a receber uma resposta à minha posição. Concordância ou divergência; compreensão, frieza ou repulsa; simpatia, ressonância do meu ideal ou negação daquilo que em mim é mais sagrado e vital, de qualquer modo, eu recebo. Rasgam-se novos horizontes, adquirem-se outras experiências. Se encontro a mesma chama, dilata-se o meu ser; oprime-me, dolorosamente, a negativa à minha aproximação. O diálogo que se estabelece entre mim e a vida universitária não é de palavras soltas — é uma conversa íntima, continuada, através das pessoas e das coisas, de tempo e espaço. Entram os colegas e os professores, as paredes assinaladas de avisos e convites de toda a natureza; as lages poidas do chão; as carteiras manchadas de tinta e rabiscadas de caricaturas e de dizeres. Entram as doutrinas expostas nas aulas, a simpatia ou agressividade do mestre, a sua integridade ou atitude dúbia. Entra o livro que abrimos e onde circulam ideias de há muitos anos ou centenas de anos. Entram farrapos de uma cultura multiseccular, às vezes de tal modo deturpada que nem reconhecemos nela os vestígios da alta espiritualidade que a insuflou.

Há sem dúvida que dar uma resposta a tudo o que recebemos da Universidade; há que dar uma resposta à própria Universidade. Quando, através de tantas deformações e desvarios, nós soubermos encontrar a integridade da ciência e da cultura; quando, ao tentar conhecer a Universidade, descobriremos a nobreza da sua origem e dos seus fins; quando a pesar da sua profunda decadência compreendermos a imensa repercussão da vida universitária na sociedade actual e futura, só poderemos dar uma resposta — ajudar a construir e tanto quanto nos for possível, uma Universidade digna do seu passado.

A nossa retribuição não ficará limitada à boa classificação das provas. Vamos muito mais longe. Como pedras vivas duma construção saída do seio da Igreja, nós seremos universitárias católicas na honestidade e sobrenaturalização do estudo, no conhecimento e na vivência dos graves problemas universitários, na actualização do saber, na humanização da cultura e da técnica, na conscienciosa preparação para a vida profissional de amanhã, nas nossas reivindicações em prol de um renascimento universitário penetrado da vida e do espírito que animaram as grandes universidades medievais. Para tanto não se improvisam ideias nem posições. Ao contrário, exige-se lento trabalho informativo e formativo. Não há lugar para diletantismos; a nossa retribuição ao passado será um serviço prestado ao futuro — a construção de uma Universidade que corresponda à sua própria mis-

são; ás necessidades da vida universitária presente; ao que a sociedade pode esperar dela, na sua fome e sede de justiça e de caridade. Começaremos por nos tornar mais conscientes do que é a Universidade, estudando-a na sua origem e referindo a sua curva histórica. Sabendo o que ela foi, compreenderemos muito melhor o que ela poderá vir a ser. Encontraremos a pouco e pouco as suas possibilidades, as raízes das suas vicissitudes e as mesmas linhas de força que a fizeram desempenhar outrora o primeiro papel na vida das nações e na comunidade internacional.



Fundação Cuidar o Futuro *«Ide e ensinai todos os povos»*

O tema de estudo para as Reuniões de Equipa deste ano é «a crise actual da Universidade e os Problemas do nosso meio», um tema inteiramente ligado aos interesses da nossa vida de todos os dias. Importa agora saber realizar este programa de estudo, e não só importa, é urgente realizá-lo. Ouvem-se, a cada passo, queixas contra o ambiente universitário, quando se admite que esse ambiente existe. O nível cultural é baixo, o desinteresse profundo, um não te rales que confrange. Há queixas, mas ninguém tem a coragem de abandonar os cómodos hábitos de estudo que nas Faculdades se tornaram tradições. Abandona-se, sim, o esforço pessoal para se limitarem ao decorar apressado das sebentas, de uns apontamentos que uma mais conscienciosa se dignou tirar nas aulas.

Talvez que alguém inconscientemente ignore a decadência progressiva da mentalidade universitária. Cabe àquelas a quem tal facto doe, impedir a sua consumação. Cabe a nós, Jucistas, lançar o fermento da renovação. É preciso agir e agir imedia-

tamente. Mas para agir não o poderemos fazer às cegas. A Faculdade que frequentamos é o nosso meio, nele devemos trabalhar. Sòmente é necessário conhecê-lo bem a fundo. Procurar descobrir as causas que a levaram a este declínio intelectual e espiritual, e perfeitamente integradas delas, obstar a que se torne irremediável.

O esforço que será exigido de nós, Jucistas, será grande, mas quando, se promete dar tudo — muito ou pouco, conforme aquilo de que cada um é capaz — mas tudo, nada nos poderá parecer superior às nossas forças.

Vamos começar, pois a trabalhar — temos um ano inteiro na nossa frente. As reuniões da Equipa serão tècnicamente, que não espiritualmente, um pouco diferentes das do anos passado. O trabalho tem de ser feito por todas. Cada uma contribuirá com uma parte do seu esforço. A reunião constará de duas partes, aparentemente distintas, mas que, no fundo, se ligam intimamente. Primeiro, faremos o comentário dum passo do Evangelho — a meditação é o princípio da acção — Estudamos melhor os outros, se nos estudamos a nós — as nossas aptidões e dificuldades, as nossas capacidades de renovação e sacrificio. Virá, em seguida, a parte mais prática propriamente, a que nos levará a uma visão mais concreta do meio universitário. Seguindo o método adoptado pela J. O. C. F., procuraremos organizar um «mapa universitário». É um trabalho de conjunto. Cada um deverá responder conscienciosamente ao questionário, e serão essas respostas as bases em que nos fundaremos para a organização do mapa.

Antes de iniciarmos as nossas reuniões, há que reflectir uns instantes — não podemos aceitar uma missão que não prometamos cumprir, e não a poderemos cumprir na sua plenitude, se não nos prepararmos convenientemente para ela. Por isso, as nossas reuniões não são, apenas, um pensamento de ocasião, nem a nossa Folha um papel importuno para a qual se olha, dez minutos ante de começar a reunião. A Folha não diz tudo; diz mesmo pouco, sugere apenas. O estudo, a meditação é de cada uma. É necessário que no limiar deste ano, prometamos a nós mesmas, preparar com cuidado cada reunião, meditar um pouco. Depois, não podemos limitar-nos a guardar para nós os frutos dessa meditação. Temos de vencer tudo o que até agora manietou os nossos desejos de apostolado — a timidez, o desinteresse, a ignorância, o pessimismo, a hostilidade de uns, a trôça de outros, e tudo o mais que se apresentou no nosso caminho para a impedir.

O Esforço é nosso; agora cumpre-nos levantar a cabeça e arrostar com tudo, confiantes em Deus.

PRIMEIRA REUNIÃO

A —

- 1) Oração Jucista
- 2) Avisos
- 3) Comentário dum passo do Evangelho (S. Mateus, V, 11-16)

a) *« Bem aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo disserem todo o mal contra vós, por minha causa... »*

Professia de um caminho de renúncia e de dor. Os apóstolos que o Mestre escolhera, partiam certos do que os esperava; mas partiam... Há-de haver incompreensões e más interpretações dos nossos gestos de caridade... Não importa. O nosso ideal é Cristo, a nossa força — a cruz que nos legou... *« O que não leva a sua cruz e não me segue, não pode ser chamado meu discípulo »*. Sofremos por Ele e com Ele. Tomando-a, corajosamente, no meio das incompreensões e das injúrias.

b) *« Vós sois o sal da terra »*

O sal que tempera, o sal que preserva da corrupção... Apóstolos de Cristo, no nosso meio, temos uma missão a cumprir. A Faculdade está decadente; em parte, por culpa nossa... O sal que perde a força só serve para ser lançado fora... É preciso que, unidas em Cristo, tenhamos a força moral e intelectual de a renovar.

c) *« Vós sois a luz do mundo »*

Cada uma de nós, Jucistas, é portadora de uma luz — a luz da Verdade, do Amor, da Caridade. Temos de dar testemunho dela — não podemos fechar-nos egoisticamente, possuidoras dum tesouro, pelo qual todos aspiram. Temos de proclamá-lo bem alto, para que todos o conheçam e dele gozem...

B —

Questionário

- 1.º Quantos são os rapazes e raparigas que frequentam o meu curso e o meu ano?
- 2.º Predominam os rapazes ou as raparigas?
- 3.º Dos meus colegas, todos se mostram contentes com o curso

escolhido? (Se não, procurar saber, se foi o curso em si que os disiludiu, ou se chegaram à conclusão de que erraram a vocação).

... As respostas ao questionário têm de ser concretas. A sondagem tem de ser feita a sério, embora discretamente. Não sabemos o que se esconde por trás dum descontentamento. Podem surgir casos melindrosos — questões de família, questões económicas, etc. É preciso interrogar com caridade.

Não são precisos nomes; no entanto, cada uma, para seu trabalho pessoal, poderá ter um caderno onde os inscreva, e onde deverá ir notando as respostas ao questionário. Embora seja apenas para si, o trabalho em conjunto, depois, será mais simples e não feito no ar.

SEGUNDA REUNIÃO

A —

- 1) Oração Jucista
- 2) Avisos
- 3) Comentário do Evangelho (S. Mateus, IX. 35-38; X, 5-16)

a) «*A messe é grande mas os operários são poucos...*»

A messe é grande, mas Jesus enviou os seus doze... Eram poucos e fizeram muito. Nós somos mais que doze. Que faremos nós? A Messe é grande... e espera por operários...

b) «*Mas ide, antes, às ovelhas perdidas de Israel*»

Ovelhas perdidas... Pelos cantos da Faculdade, andam colegas sózinhas, como pobres ovelhas sem dono. É difícil abeirá-las... é mais cómodo ir junto das conhecidas que também precisam. Mas, quem sabe o valor de um gesto amigo, num momento de desânimo e solidão? Teremos o direito de o recusar? Teremos o direito de ficar indiferentes, egoisticamente reduzidas ao nosso círculo de sempre, quando o nosso olhar encontra o dessa companheira sem companhia?

c) «*A Paz seja nesta casa*»

Portadoras de Paz... Num momento, em que os ódios fermentam, em que a palavra amor tem tão pouco sentido, como levar a Paz a cada alma inquieta?

d) *«Eis que vos mando, como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas»*

É preciso estar à-lerta. Há quem observe, atentamente, os nossos gestos, e quem tenha uma palavra de crítica para cada uma das nossas palavras. Não podemos andar despreocupadas, sem aprofundar cada problema que se levanta. Temos de ser as primeiras a atacá-lo de frente, procurando, acima de tudo, a verdade. Mas sejamos simples — a simplicidade abre muitas portas e desarma muitas ciladas — simples nas atitudes, nas conversas... simples no fundo de nós mesmas.

B — Vamos responder ao Inquérito da reunião passada. Todas trabalhamos... pelo menos assim era de esperar.

As conclusões deverão ser examinadas detidamente em conjunto e registadas.

TERCEIRA REUNIÃO

A —

- 1) Oração Jucista
- 2) Avisos
- 3) Comentário do Evangelho (S. Lucas, XI, 1-13)

a) *«Se algum de vós tiver um amigo...»*

A quantas daremos nós esse nome sagrado... Seremos nós verdadeiras amigas? Nós, que nos dizemos discípulas de Cristo, sê-lo-emos em momentos de dor, de desânimo?... Quando nos procuram, temos a palavra que consola ou o gesto de enfado? Amigas dos dias bons e dos dias maus; ou, também, responderemos, «não sejas importuno»?

b) *Pedi e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á».*

Quantas vezes, se ouvem lamentações: «tanto tenho pedido e tudo em vão», «Deus não me ouviu»... Palavras que mostram a nossa pouca fé e a nossa falta de perseverança. Pedir... sabemos nós pedir? A Deus, aos que nos cercam... batei e abrir-se-vos-á... Quantas ocasiões, em vez de tentarmos, deixamos cair os braços com desalento: «Não tenho coragem!».

Teremos coragem, também, de ficar inertes, impotentes, para pedir a Deus o auxílio, impotentes para bater a cada porta, agora que se vai iniciar a Campanha do Natal?

B — Hoje não há questionário definido. Cada uma o fará a si mesmo. O Natal está à porta. Estas duas semanas passarão sem mesmo darmos conta. É preciso redobrar de energia: Vamos junto às que ainda ficaram sózinhas... Vamos falar-lhes com todo o nosso fervor. Palavras que se lançam e que germinam, sabe-se lá quando?

Ninguém pode ficar de parte: nem as que nos olham sorrindo, nem as que teimam em retrair-se num mutismo, numa indiferença que nos faz sofrer.

Os pobres esperam de nós um pouco com que festejar o Natal... As almas esperam de nós tudo — na Faculdade, na rua, em casa... Uma palavra proferida que abre uma luz, um sorriso que prende e consola, um momento de companhia, mesmo que os nossos planos para a tarde se tenham ido pela água a baixo.

Agora que o resultado do Inquérito nos deu a conhecer tantas das nossas colegas, que nem sabíamos serem nossas, temos de ir ter com elas... Que ninguém fique de lado. Há tanta maneira de tomar contacto com os outros, até aquele contacto que nada tem de interior...

Deus lá está, que compreende e sabe guiar...

Fundação Cuidar o Futuro

«*Désirer de monter infiniment haut,
tout en se sachant infiniment bas, voilà ce
que peut donner Jésus-Christ*».

PSICHARI